INSTITUTO DE PSICANÁLISE HUMANISTA
IMED
ESPECIALIZAÇÃO EM PSICANÁLISE

Danila de Lima Silva

**A CONSTRUÇÃO DA LIBERDADE FEMININA:
CONSIDERAÇÕES SOBRE A MULHER NA
ATUALIDADE**

Santa Maria - RS

2011

Danila de Lima Silva

**A CONSTRUÇÃO DA LIBERDADE FEMININA:
CONSIDERAÇÕES SOBRE A MULHER NA
ATUALIDADE**

Trabalho de conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Psicanálise Clínica, do Instituto de Formação em Psicanálise em convênio com o Complexo de Ensino Superior – IMED, como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista em Psicanálise Clínica, sob orientação da professora Carla Cristine Mello Froner

Santa Maria – RS

2011

O objetivo do desenvolvimento do homem é o da liberdade e independência. Esta significa o corte do cordão umbilical e a capacidade de dever a existência a si mesmo apenas. Mas essa independência radical será possível ao homem? Pode ele enfrentar sua solidão sem desmaiar de terror? Não apenas a criança, mas até mesmo o adulto é impotente.

Erich Fromm

RESUMO

Este trabalho tem o objetivo de constatar porque algumas mulheres contemporâneas ainda permitem-se viver dependentes emocionalmente. Neste tempo em que certezas milenares são desfeitas, o feminino precisa assumir uma postura inédita. Serão questionados quais os motivos inconscientes e amarras internas fazem com que as mulheres se coloquem nesta situação, iniciando por um resgate histórico referente à libertação do feminino, para poder compreender melhor como se chegou até o presente momento cultural e social. Na sequência, serão abordados aspectos referentes à busca pelo parceiro amoroso, ou seja, quais os fatores inconscientes que levam a aproximação de alguém. Para finalizar serão apontadas questões relevantes à dependência emocional, ressaltando o olhar para si, para poder construir um novo modelo de feminino, com isso, assumindo seus desejos para caminhar para a mudança.

Palavras-chave: feminino; relacionamento amoroso; dependência emocional.

SUMÁRIO

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	6
2. HISTÓRIA DA LIBERTAÇÃO DO FEMININO	10
3. ESCOLHA DO PARCEIRO AMOROSO	17
4. CONFLITOS CONTEMPORÂNEOS RELATIVOS À DEPENDÊNCIA EMOCIONAL FEMININA	22
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
BIBLIOGRAFIA	29

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A finalidade deste artigo é fazer um estudo sobre a importância da qualidade dos vínculos amorosos da mulher, no seu processo de libertação. A escolha deste tema se deu devido a curiosidade despertada pelo trabalho clínico, aonde alguns casos chegavam ao atendimento psicanalítico com esta problemática, e, também, pelas observações feitas no cotidiano, contexto a partir do qual acompanhei muitas pessoas do sexo feminino passarem por conflitos internos típicos da mulher contemporânea, que é composto por um tripé básico: casamento, filhos, trabalho, e a velha indagação: como conciliar esses três aspectos da vida.

Deste modo, fazendo uma análise das minhas próprias implicações no texto, uma estranha inquietação que faz parte do tripé citado acima tomou forma, se fez familiar, porém, não necessariamente na mesma ordem, e pude ir me reconhecendo como primeiro objeto desta investigação. Portanto, insiro a bagagem de minha história pessoal e profissional no decorrer do texto.

Para acrescentar, trago a ideia de Foucault (1984, p.13) que fala:

Quanto ao motivo que me impulsionou, foi muito simples. Para alguns, espero, esse motivo poderá ser suficiente por ele mesmo. É a curiosidade – em todo caso a única espécie de curiosidade que vale a pena ser praticada com um pouco de obstinação: não aquela que procura assimilar o que convém conhecer, mas a que permite a separação de si mesmo. De que valeria a obstinação do saber se ele assegurasse apenas a aquisição dos conhecimentos e não, de certa maneira, e tanto quanto possível, o descaminho daquele que conhece? Existem momentos na vida em que a questão de saber se é possível pensar diferentemente do que se pensa, e perceber diferentemente do que se vê, é indispensável para continuar olhar ou refletir.

Com a intenção de conhecer mais sobre o tema proposto, motivada pela curiosidade em relação à formação do psiquismo das mulheres culturalmente e internamente, me proponho inicialmente a fazer um resgate histórico da mulher e, posteriormente, entrar em aspectos mais subjetivos que refletem de modo inconsciente os conflitos atuais do feminino.

Dowling (1988) ressalta que algumas mulheres de hoje têm muita dificuldade em regular suas atividades. Mergulham no trabalho, num “pique” absolutamente incrível, e depois ficam estranhamente apáticas ou até mesmo culpadas por dar mais atenção ao trabalho do que à família. Acredita-se que o que aciona essas mulheres é a necessidade de atenuar um sentimento de inutilidade.

Então, surgem alguns questionamentos: Porque muitas mulheres se culpam por trabalhar ou até mesmo por terem sucesso em suas profissões? E de onde vem este sentimento de inutilidade atual, sendo que estas mulheres são tão realizadoras?

Este papel de provedor sempre foi masculino. Muito recentemente, a partir dos anos 70 do século passado, mais especificamente após a revolução feminista onde as mulheres reivindicaram a igualdade entre os sexos, é que a mulher introjetou o papel de independente, ou melhor, alcançou sua independência através de sua competência, e hoje tem a direção da sua vida em suas mãos.

Porém, percebe-se que algumas dessas mulheres contemporâneas, donas de sua vida financeira, demonstram-se, ainda, dependentes de um marido, de um companheiro, enfim, de uma relação amorosa. Esta dependência atualmente se dá, muito mais a nível emocional do que a partir de uma necessidade social e econômica da mulher, como ocorria nos séculos passados.

Stuart (1986) diz que na classe média urbana, um grande número de mulheres se orgulha da sua condição de dependência, elas diziam: ‘Não preciso trabalhar, ele me dá tudo’. Deste modo, podemos observar a influência financeira relacionada à necessidade de proteção que há neste tipo de relação de dependência. Como uma pessoa poderia recomeçar sua vida, sendo que muitas vezes não existia vida própria e, sim, uma vida inteira dedicada a um casamento ou a uma família?

Atualmente a mulher não precisa estar vinculada a um homem para ser respeitada na sociedade. Todavia, pode existir a possibilidade de que as atitudes de dependência do mundo feminino sejam assimiladas inconscientemente, não

permitindo o desenvolvimento da mulher. Então, o que levou o mundo feminino a introjetar inconscientemente os valores impostos pelo mundo masculino? Quais os motivos fazem com que muitas mulheres não se permitirem utilizarem o seu potencial?

Em meados dos anos 60 do século passado, a mulher ocupava um papel diferente do atual na sociedade.

[...] duas em cada 10 mulheres viviam como dona de casa no Brasil [...]. Elas simplesmente não tomavam conhecimento de nada que se passasse além das janelas de sua casa. Continuavam como há séculos, pensando em modelos de vestidos, em tortas e penteados. Era como se a humanidade nunca tivesse entrado. Sua inteligência, como outrora aos pés das chinesas, mantinham-se atrofiada. Elas pareciam incapazes de qualquer tarefa histórica. (STUDARTM, 1986, p.8)

A geração de mulheres que está no mercado de trabalho atualmente no Brasil, que pretende constituir família ou já constituiu, é fruto dessa mulher dos anos 60, que desempenhou o papel da mulher 'do lar'. Com isto, percebe-se um grande e conflituoso contraste entre as gerações, pois as moças daquela época foram criadas tendo um modelo de mãe e esposa e, mesmo assim, foram capazes de quebrar paradigmas, sendo mães, esposas e mulheres realizadoras, contribuindo financeiramente com as despesas do lar de forma ativa e contundente, muitas vezes produzindo a principal renda da família e não a renda complementar.

Todavia, muitas dessas mulheres atualmente vivem em um casamento sem felicidade e permitem-se continuar em uma relação de dependência emocional. Porque este tipo de conflito pode ser gerado nesta mulher ousada e inovadora? Que papel o masculino ocupa para esta mulher do século XXI?

Segundo Rohde¹, o poder masculino está incorporado pelo mundo feminino inconscientemente. E a religião foi e continua sendo uma grande porta voz para que estas normas sociais sejam continuamente repassadas e estejam presentes no meio social, como algo inquestionável e imutável, na continuidade do poder do patriarcado, na política através do Estado, e na religião através da obediência irrestrita ao poder constituído.

¹ ROHDE, Anusca da Silva. Adolescência sob o olhar psicanalítico In: FRONER, Carla C. M. (Org.) *As Interfaces da Clínica Psicanalítica*. Santa Maria: ITPOH, 2009

A determinação imposta pelo poder masculino é algo que permanece bastante nebuloso para as mulheres. E esta nebulosidade se deu a partir do período em que o feminismo abriu tantas oportunidades e caminhos novos para o crescimento do mundo feminino. De certo modo, hoje as mulheres se percebem mais cegas do que nunca às implicações de suas próprias escolhas e decisões. Enquanto no passado estavam ansiosas para ampliar os limites de sua vida pessoal, hoje, muitas vezes, percebe-se a presença do medo diante desta liberdade já adquirida.

Com este estudo pretende-se contribuir para criar algumas respostas para questionamentos que as mulheres fazem no seu cotidiano e, assim, poder despertá-las para encontrar a resposta dentro de cada uma, resposta que é possível descobrir através do trabalho de reflexão, e, com isso, poder viver melhor na atualidade, com as exigências contemporâneas, sem conflitos existenciais deste gênero.

2 HISTÓRIA DA LIBERTAÇÃO DO FEMININO

Segundo o imaginário judaico-cristão, as figuras inaugurais na aurora do tempo foram Lilith e Eva. Contrariando o conhecido pela maioria da humanidade, elas foram as primeiras mulheres de Adão, e ficaram com a responsabilidade da origem dos pensares da humanidade. Eva, criada por Deus, a pedido de Adão, para ser sua companheira no paraíso, foi descrita no Gênesis como uma criatura fraca, frívola, que, por ser mais acessível às tentações da carne e da vaidade, tornou-se culpada pela infelicidade do homem.

Ela provou o fruto da árvore proibida, oferecendo-o a Adão, que aceitou. Sua audácia e desobediência, juntamente com a curiosidade, foram amaldiçoadas por Deus que, ao expulsar os dois do paraíso, condenou-a ao sofrimento, as dores do parto e a ser dominada por Adão. Quanto a este, foi condenado a trabalhar arduamente e morrer, assim como Eva. Responsabilizada pelo pecado de Adão, Eva foi sendo de forma vagarosa assimilada à Serpente – demônio tentador – e acabou se transformando, na tradição Cristã, em símbolo do mal (MANSUR, 2003).

Com a condenação de Eva, percebe-se que as mulheres enfrentaram e desempenharam este “fardo” durante muitos séculos, sendo as esposas perfeitas, mães de família e trabalhando arduamente dentro de seus lares, enquanto seus maridos iam para a rua em busca do sustento. Muitas poderiam, ou ainda podem, sentirem-se satisfeitas e felizes com esta composição familiar, mas outras se sentem incompletas ao serem coadjuvantes de suas próprias vidas.

O mito de Eva descreve, de uma maneira muito detalhada e rica, a forma de algumas mulheres de hoje viverem, mas combina mais com o modo como as mulheres do século passado viviam com suas famílias, em seus lares.

Então, em contraste com a história de Eva veremos abaixo a lenda de Lilith, que, segundo Secuterest (apud MANSUR, 2003), aparece em inúmeros estudos

bíblicos e outros livros sagrados da tradição judaico-cristã, como sendo a primeira mulher de Adão.

Considera-se que, embora não seja citada de uma forma explícita no Velho Testamento, está presente em passagens sutis e subtendidas. É visto que sua lenda perdeu-se ou foi intencionalmente tirada do texto sagrado. Dessa forma, ela se tornou um mito de exclusão.

Lilith nasceu através do mesmo pó que Deus criou Adão, não se admitindo inferior e submissa. Não existia uma vida pacífica entre eles porque constituíram sua união na carne, evidentemente na posição mais natural – a mulher por baixo e o homem por cima, mas Lilith mostrava-se impaciente. Assim, ela questionava Adão: “Por que devo deitar-me embaixo de ti? Porque devo abrir-me sobre teu corpo?” Talvez aqui houvesse uma resposta composta de silêncio e perplexidade por parte do companheiro, mas Lilith não desiste fácil: “Por que ser dominada por você, pois de todo modo, eu também fui feita de pó e por isso sou igual”.

Ela pede para inverter as posições sexuais a fim de estabelecer uma paridade, de forma harmônica, que deve significar a igualdade entre os dois corpos e as duas almas. Malgrado este pedido ainda úmido e calor súplice. Adão, demonstrando-se recuso e seco, em sua fala: Lilith é submetida a ele, ela deve estar simbolicamente sob ele, suportar o seu corpo. Assim sendo, percebe-se a existência de um imperativo, uma ordem que não é lícito transgredir. A mulher não aceita esta composição e rebela-se contra Adão, e assim se quebra o equilíbrio.

Então, Lilith não se submeteu as regras de Adão e fugiu do paraíso voando para longe, onde logo foi perseguida pelos anjos e excomungada por Deus. Depois disso, passou a viver no deserto do mar Árábico, permanecendo em sua própria liberdade, talvez rainha no palácio do Demônio, como seu espírito feminino – o espírito da noite que assombra as pessoas adormecidas com sonhos apavorantes. Aparece na antiguidade representada como uma figura do mal em todas as tradições.

Percebe-se que foi preciso ocultar a história de Lilith, primeira mulher de Adão, para limitar o papel feminino à maternidade e ao casamento por longos anos, pois ela recusou-se a uma identidade, ao desejo e ao olhar do homem.

Lilith representa a mulher contemporânea, realizadora, idealizadora, desejante por si só e independente, porém, algumas convivendo com vários conflitos

pelo fato de seu “lugar comum” ser representado por Eva, a mãe dona de seu lar e prestativa a seu marido.

A vocação para a maternidade e a vida doméstica seriam marcas da feminilidade, enquanto a iniciativa, a participação no mercado de trabalho, a força e o espírito de aventura definiam a masculinidade. As mulheres que não seguissem seus caminhos, estariam indo contra a natureza, não poderiam realmente ser felizes ou fazerem com que outras pessoas fossem. (BASSANEZE apud MANSUR, 2003, p.27)

Assim, podemos observar que o Mito de Eva está introjetado em nossa cultura de uma forma bem profunda, porém pode-se ver que no decorrer da história da mulher no Brasil a lenda de Lilith vai tomando forma e se sobrepondo ao modo “Eva” de ser.

Após a Segunda Guerra Mundial, no Brasil, houve um crescimento urbano considerável, aumentando as possibilidades profissionais e educacionais para ambos os sexos. Esse avanço que ocorreu na década de 50 do século passado, época batizada de “anos dourados”, caracteriza-se pela ascensão da classe média, onde os ideais de democracia foram fortalecidos pelos discursos políticos. Todavia, a distinção entre papéis femininos e masculinos permanecia nítida. Nesta época, o país acompanhou tendências internacionais de modernização e emancipação das mulheres com a sua participação na situação de guerra, mas quando voltou à situação de paz, as propagandas estrangeiras deram ênfase os valores tradicionais da sociedade (MANSUR, 2003).

A sociedade tem uma carga muito relevante diante da forma como as pessoas comportam-se, de como as mães criam os seus filhos. No caso dos anos 50, pode-se ver que, em uma situação limite como a da Guerra Mundial, permitiu-se que as mulheres ocupassem posições de decisões e competência, tanto como os homens, porém, quando a sociedade voltou à normalidade, a política usada volta a ser a da mulher obediente.

Esse estado de coisas vem-se anunciando há muito tempo, sub-repticiamente, sim, tal qual os fatores primeiros de precipitação de uma erupção vulcânica. As transformações sociais não ocorrem da noite para o dia. O “papel” da mulher estava em processo de mudança muito antes que se propusesse um nome à libertação das mulheres. O fato de que as coisas para nós não eram mais tranquilas, de que o futuro a nossa frente agira nos mostrava

nebuloso, deve ter-nos assustado. Uma sensação pouco nítida mais certamente presente enquanto crescíamos. Algo estava acontecendo, mas nós nem nossos pais sabíamos do que se tratava. Inadvertidamente, a maioria dos pais das décadas de 40 e 50 falharam na educação da filhas, pois não podiam prever para que as preparavam. Obviamente não era para independência. (DOWLING, 1981, p.24)

Com a chegada dos anos 60 do século passado e os progressos de higiene, medicina, alimentação e indústrias, a ajuda para a mulher do lar recebeu ajuda, pois com esta modernidade chegando, chegaram também os eletrodomésticos². Esse ambiente propiciava que a mulher pudesse ficar em uma situação super confortável de “alienação total”, pois não precisava mais ser uma “escrava do lar”, mas, também, trabalhar fora era algo muito condenável aos olhos da sociedade. Então, lhes restavam os chás da tarde com as amigas, os passeios com os filhos, ou seja, desfrutar de sua ilusória liberdade.

É arriscado escrever a história destes acontecimentos contemporâneos, em primeiro lugar por estarmos profundamente implicado(a)s neles, mas principalmente porque a página esta longe de ter sido virada: o lugar das mulheres na criação cultural continua ser o cerne de lutas nos resultado é hoje em dia incerto. Todavia, o balanço é suficientemente rico para podermos ousar formular esta dupla hipótese: este período constitui uma mudança fundamental na história cultural das mulheres ocidentais; e anuncia uma prática nova da cultura, a de uma cultura realmente mista. Neste sentido, podemos falar de um período decisivo. (PERROT & DUBY, 1991, p.154)

Com os anos 70 chegou “O Movimento de Libertação das Mulheres”. Neste período acredita-se que a mulher se permitiu ousar, enfrentando seus desejos e os colocando em prática, contudo, existiu certo radicalismo nos pensamentos de muitas feministas, pois estudando este período, percebe-se que muitas vezes o discurso das feministas não era apenas para construir um lugar para o feminino na sociedade e, sim, ocupar o lugar dos homens na sociedade.

Com isso, muitas mulheres em cargos de grandes executivas, por exemplo, adotaram uma vestimenta mais “masculinizada”, como os terninhos (calça e paletó), deixando o desejo familiar em último plano, se é que ele existia. Estes são alguns dos aspectos simbólicos que denunciam o quanto algumas dessas mulheres

² Ver Georges Duby *in* PERROT, M; DUBY, G. **História das Mulheres: O século XX**. Françoise Thebaud (direção). São Paulo: Ebradil, 1991.

gostariam de se igualar aos homens. Porém, a grande questão da evolução e do equilíbrio não é se igualar, mas, sim, ocupar um lugar próprio, verdadeiro e autêntico.

As ideias defendidas nos parágrafos acima podem parecer ambíguas, pois ora discorre-se sobre a alienação das mulheres e, quando elas alcançam a independência com o Movimento Feminista, ressalta-se a questão da 'masculinização'. Pois a ideia é justamente esta: a da mulher encontrar seu equilíbrio, este lugar próprio que permita a ela viver todos os seus desejos e projetos de vida, sem existir um conflito permanentemente entre uma coisa ou outra, ou trabalho ou sou mãe, ou sou esposa feliz ou tenho sucesso. O lugar da mulher é perambular por todos os aspectos que a existência proporciona, com sucesso e harmonia dentro de si.

Nas décadas de 80 e 90, o casamento não era o elo mais importante para a mulher, e a figura materna emergiu como a mais respeitável, além de cumprir as tarefas de antes, tornou-se também uma das principais fontes de renda e ganhou autoridade: passou de dona de casa á dona da casa (MANSUR, 2003).

A exaustão expressa pelas mulheres desse tempo com relação a sua "dupla carga" é o resultado de um conflito – a contradição entre querer resguardar os seguros limites domésticos sempre apreciadas pelas mulheres e o desejo de ser livre e realizadora. Este conflito não resolvido e, por conseguinte, paralisante, gera o pânico do gênero feminino, retém as mulheres em empregos ou atitudes de nível profissional de nível inferior a seu potencial intelectual e as mantém prisioneiras do "lar". (DOWLING, 1981, p.180)

Seguindo a mesma ideia da autora acima citada, a reivindicação dos direitos femininos é um dever natural, e a mulher não deve abdicar dessa participação, do contrário, a vida participativa chega ao ápice do monotonismo, e a pessoa fica sem sentido para viver. Todavia, o conflito ainda está presente em função do que foi aprendido, do que estas mulheres sempre entenderam como sua responsabilidade no decorrer da existência, pois a partir desta época, as mulheres começaram a definir qual o espaço gostariam de ocupar na sociedade, um espaço próprio e particular, regado de todos os atributos para sua melhor eficiência e prosperidade. Não se deve confundir reivindicação feminina com o movimento feminista, porque o feminismo é um tipo de revolta onde a mulher deseja sobressair-se, em detrimento de seu companheiro - o homem, como já se fez alusão anteriormente.

Para comprovar esta busca subjetiva da mulher Duby e Perrot (1991) ressaltam que os anos 80 foram marcados pelo ingresso na Academia Francesa de letras da primeira mulher: Mainie Margarite Yocernar. E não por coincidência, no mesmo país, a França, nasceu a famosa noção de escrita feminina. A literatura francesa é considerada a menos fechada do mundo.

Já no início dos anos 90 os mesmo autores trazem o fato histórico da mulher no poder:

Politicamente, a maior parte das mulheres desenvolveu com o correr dos tempos um sentido cívico – se não um interesse político – tão afirmado como o dos homens. Em certos países como os Estados Unidos e a Suécia, são mesmo as mulheres que em maior número participam da eleição. A evolução do seu voto, não foi menos importante, uma tomada de consciência geral das desigualdades que as atingem conduziu-as em abandonar cada vez mais os partidos conservadores em proveito de forças políticas mais atuantes sobre o que poderia ser uma nova definição dos papéis entre os sexos. Signo-símbolo no oriental Japão – onde a submissão das mulheres passa a ser tradicional – os liberais democratas (conservadores) chegam a temer, no dealbar dos anos 80, que a hostilidade das eleitoras a seu respeito não acabe por, dentro de pouco tempo, dar o poder ao partido socialista durante dois anos (1989 -1991), por uma mulher, a senhora Dakako Doi. (PERROT & DUBY, 1991, p.566)

Pode-se dizer que na contemporaneidade a mulher continua a percorrer este caminho, alcançando até um pouco mais de avanços no que se refere a sua atuação no setor econômico. Diante disso, Sousa (2004) diz que é inevitável que as mulheres sintam cada vez mais a necessidade de uma identidade social que não seja exclusivamente definida a partir do papel econômico do homem. As mulheres, menos presas ao lar devido à maior facilidade de desempenho das tarefas domésticas e maternidades menos frequentes, e, por outro lado, mais instruídas e preparadas naturalmente, desejam utilizar suas capacidades, seus conhecimentos e sua competência para assegurar a sua própria independência e participar de modo mais completo e influente na vida da sociedade.

A mulher encontra-se cada vez mais dona de seus desejos, buscando e realizando o que coloca como projeto de vida, de uma forma autêntica e se destacando por suas subjetividades. Isto inclui arcar com as consequências e as responsabilidades de seus próprios desejos, falando francamente sobre o que pensa e pretende realizar, sem dar satisfações ou pedir permissão.

Afirmando o parágrafo anterior Eisendrath (2001) coloca que seja por falta de informação do significado da autodeterminação ou por causa do pensamento decorrente do desejo de ser desejada, muitas vezes algumas mulheres não reconhecem ou esquecem que o desejo mais profundo é ter soberania sobre as próprias vidas, ter o direito e a responsabilidade de agir por livre arbítrio. Estes fatos são universais a humanos, não importando a sua condição. É apenas neste tipo de contexto de soberania das pessoas que o aspecto mais sublime do desejo pode emergir e se desenvolver, através da responsabilidade e da autodeterminação de viver de uma forma compassiva e consciente.

É sabido e comprovado que a mulher e a representação de feminino passaram por uma metamorfose e uma evolução significativa e contundente no decorrer da história mundial, porém isto não significa que ainda não ocorram conflitos referentes ao que ela foi e representou, e ao que ela é e representa nos dias atuais.

Atualmente a mulher ocupa diversos papéis em variadas sociedades, porém a grande questão é que não existe um padrão em ser mulher de sucesso, e parece-nos que este é o cerne da questão. Muitas vezes a sociedade impõe um olhar generalizado e, deste modo, a mulher precisa se enquadrar em um padrão único e global de mulher “multifuncional”, a qual *tem que* ser esposa, mãe e ter sucesso profissional, esquecendo-se de seus próprios desejos. É preciso perceber o que se sente e o que se quer para a sua vida, e desta forma, ela alcançará o sucesso, independente de sua escolha, porque com este olhar voltado para dentro, será mais fácil a mulher escolher o caminho da sua auto-realização.

3 A ESCOLHA DO PARCEIRO AMOROSO

Na investigação para explicações quanto aos motivos que levam o ser humano a agir de uma maneira ou de outra em relacionamentos amorosos, entrou-se em contato com as palavras da autora Anton (2000) que fala sobre as alterações e repulsas de homens e mulheres, assim como que também todas as escolhas e posturas adotadas perante a vida são inconscientemente motivadas.

Partindo desta ideia, de que há algo maior que as escolhas pensadas, vê-se que existe um amor que se sente e não se explica. Quando se encontra alguém que é eleito como cônjuge, essa pessoa está em nossa vida ou faz parte da mesma por algum motivo. Sendo assim, levantamos um questionamento: ele ou ela está a serviço do que em sua vida? Compartilhando experiências e sentimentos bons e ruins? No entanto, algumas destas opções “faz a frente em seu relacionamento”?

Florianio (2003, p.72) afirma que:

Todo relacionamento é um contrato que assinamos secretamente, pois muitos dos motivos que nos levam a relacionar com determinada pessoa ainda são desconhecidos e permanecem desconhecidos a não ser que busquemos informações para entender. É na família que formamos a primeira aliança e tendemos levar ao relacionamento esse aprendizado, que poderá ser positivo ou negativo, dependendo das experiências que fizemos diante das situações que observamos durante nossa infância e nossa adolescência, que alicerçam a base para nossos relacionamentos futuros.

Em outras palavras, a escolha que se faz do parceiro ou parceira amoroso diz respeito ao mundo interno de cada um, juntamente com experiências vivenciadas na família de origem. Desta forma aprende-se a viver a experiência de receber e dar amor e afeto, uma vez que, justamente nessas escolhas comprova-se, de maneira

afirmativa, que tudo o que nos foi ensinado é verdadeiro, assim, as pessoas se mantêm fieis às suas alianças familiares, sendo que estas, muitas vezes, são as responsáveis pelos vínculos infelizes.

Na infância, ainda quando se está formando a personalidade para o mundo adulto, muitas vezes são passadas informações equivocadas em determinadas situações, e estas poderão ser internalizadas como uma verdade. Então, esta verdade será defendida e transmitida de geração para geração, pois é através desta verdade que o sujeito desenvolve sua visão de mundo. Desta forma, pode-se gerar um sentimento de comprometimento com o “educador” que lhe transmitiu estas informações e ensinamentos, causando muitas vezes os chamados “pactos familiares” inconscientes.

Floriano (2003) descreve de forma indireta como se estabelece o pacto inconsciente: quando o indivíduo sente-se comprometido com maneiras de agir aprendidas em seu âmbito familiar, e que nem sempre são fatos ou ações verbalizados, introjeta de forma inconsciente e não verbal. Não tendo consciência do pacto, o indivíduo se envolve na repetição e não se permite romper a aliança estabelecida, mesmo que isso esteja lhe causando mal, lhe incomode ou frustrar. Mesmo assim, não consegue agir de modo diferente, sente-se aprisionado sem uma saída visível, não tomando nenhuma atitude contrária por medo de decepcionar e perder o afeto de seus pais.

Pactos inconscientes são imagens que são internalizadas de modo subjetivo, e onde cada ser constrói a sua interpretação e reação diante de determinada situação. Elas se estabelecem principalmente na infância, mas são levadas por toda a vida se estes símbolos estão sendo utilizados para alimentar algo, então eles permanecem, se não, podem ser descartados ou substituídos.

Pereira (2007, p.64) argumenta que a imagem em cada indivíduo

[...] está vigilante e atualmente, independente do controle da razão. Na verdade, ela existe antes e sua ação independe de sua autorização. A imagem está muito mais ligada a emoção, ao prazer, à dor e outras formas de obter a gratificação. Necessita-se além das imagens, uma continuidade na cena, onde a personagem central deste tema pode tornar-se ela mesma. Qual seria o sentido das cenas imagógicas sem a participação do autor? E se o autor está atuando junto com essas imagens em determinado tema? É por que tem seu ganho de prazer ou de dor.

Quando se fala em imagens, se está falando também de crenças imagógicas que sempre estão relacionadas com a família de origem, a qual é a base de tudo que se aprende. De certa forma, somos sucessores do “padrão familiar” que difere de família para família, e estas internalizações são representadas subjetivamente, ou seja, cada ser humano vai interpretar e internalizar de uma forma o que é aprendido e mostrado a ele.

As crenças imagógicas são responsáveis pela construção das imagens internas, que mudam tanto de indivíduo para indivíduo, como também de família para família, e interferem na forma como nos relacionamos com o outro. É desta base que resultarão os insucessos ou sucessos amorosos, assim como de outros âmbitos relativo à existência. Quando se busca alguém para formar uma nova família, chamada por alguns autores de família nuclear, está se pedindo a este indivíduo que aceite nossas regras e vice-versa ao aceitarmos as determinações de uma aliança formada bem anterior a nós, as mantemos quase que intactas, assim se configurando um novo pacto inconsciente.

Anton (2002, p.58-59) reforça este pensamento afirmando que:

Os modelos de identificação e objeto de desejo, os estímulos, as oportunidades e as impossibilidades vivenciadas junto à família de origem, os papéis, as funções atribuídos a cada pessoa vinculada, fazem parte direta ou indiretamente, das referidas prescrições, é neste contexto que o sujeito aprende a ser quem ele é, a agir como age, a interpretar o mundo como interpreta. As “especialidades pessoais” levam as pessoas, inconscientemente, a selecionarem seus novos parceiros de vida e, com eles, redigirem o “contrato secreto” que há de reger suas alianças.

Compreende-se que quando se vai em busca de um parceiro amoroso, algo em comum precisa existir entre ambos, seja esta união concretizada por afinidades ou complementaridade, pois mesmo entre os opostos que se atraem, no contexto geral, existe uma sintonia vibratória, pelo fato de que o essencial para unir duas pessoas como um casal, independente do modo de como elas sejam, é um encontro de desejos inconscientes incommuns. Sem este fator não há uma inclusão, o sujeito não pode afirmar que “faz parte”. Contudo, quando a pessoa encontra-se inserida em um relacionamento, mesmo quando é criticada ou maltratada pelo outro, algo em comum entre eles existe.

Floriano (2003) ressalta que a procura por um amor em determinado momento da vida é intrínseca ao ser humano, momento onde aflora o desejo de buscar ligar-se a uma pessoa, constituir alianças mais solidificadas, compartilhar projetos de vida, alegrias e sonhos. É deste modo que nos preparamos para escolher e sermos escolhidos por alguém especial, que fará parte de nossa história, do nosso desejo de continuidade.

Nessa busca por um amor, um companheiro ou companheira para compartilhar a vida, percebem-se diferenças cruciais entre homens e mulheres. No decorrer da história os homens sempre tiveram uma atitude mais ativa nesta escolha, onde geralmente é ele quem dá o primeiro passo de investimento em seu desejo. Já a mulher assumia uma postura mais passiva, esperando ser desejada ou que o objeto desejante viesse até ela.

Segundo Dowling (1981, p.95-96):

Há algum tempo que os psicólogos sabem que as necessidades de afiliação feminina são mais fortes que as masculinas, mas só recentemente desvendou-se a razão disso graças aos estudos realizados sobre as meninas, por causa de uma dúvida intensa e profundamente assentada quanto sua própria competência (desenvolvida desde o início da infância), as meninas se convencem que precisam ter proteção, sob pena de sobreviverem. Esta crença é inculcada nas mulheres pela ação de expectativas sociais de base enganosa e pelos temores dos pais.

Culturalmente quando a mulher assume uma postura passiva de receptora, não causa nenhum espanto à sociedade, pois há pouco tempo este era o papel imposto a elas. Porém, hoje existe uma maior oscilação entre esses papéis. A mulher contemporânea tem uma atitude mais atuante frente a seus desejos, escolhe ser sujeito de sua própria vida, exercendo o direito e a responsabilidade de agir com livre-arbítrio. Contudo, isto não a isenta de conflitos internos referentes à independência, pois essa postura de “assumir-se” historicamente é relativamente recente.

Para complementar o papel desejante da mulher, Eisendrath (2001) fala que ser este sujeito representa não expressar o que pensa, o que quer, como também assumir a responsabilidade por seus desejos. Estes são temas profundamente interligados, mas diferentes. Enquanto ser assertivo significa comunicar francamente suas necessidades e desejos, assumir responsabilidade implica responder por si

mesma, escolher honestamente, ser digna de confiança. Deste modo, pode-se ver que assumir responsabilidades está um passo a frente de ser assertivo, ou seja, não basta apenas comunicar o que se deseja ou como se sente para o outro. É preciso levar o diálogo mais adiante, porque a responsabilidade do desejo é de cada um, e deste modo é preciso explicar o que se quer, para que, assim, os sentimentos possam ser mudados e o desejo consolidado.

Então, percebe-se que todo ser humano sente necessidade de se unir com alguém afetivamente, a fim de construir um novo clã, uma nova história. Na mulher esse desejo é mais visível, em função da necessidade de proteção que é intrínseca ao mundo feminino, pois ela é considerada o sexo mais frágil, portanto, menos protegida. Mas, isso não quer dizer que elas precisem ser dependentes em função do desejo da proteção. O que vai estabelecer a forma de como nos relacionamos com o outro é a interpretação inconsciente que tivemos de nossas relações vinculares primárias, e do que nos foi ensinado durante o desenvolvimento infantil.

Contudo, aqui neste texto podemos citar duas formas de relacionamentos que podem ser estabelecidos na procura do parceiro amoroso, tendo em vista o tema abordado:

- *Relação amorosa com liberdade emocional*: quanto mais autonomia se dá à criança, mais liberdade o adulto dá a si próprio, portanto, se a mulher já vem com uma liberdade internalizada no seu desenvolvimento, ela vai realizar escolhas que permitam esta autonomia.

- *Relações amorosas com dependência emocional*: em função da superproteção dos pais e a pouca autonomia internalizada pela criança, ela procurará, inconsciente, um parceiro que continue suprimindo sua falta de autoconfiança.

4 CONFLITOS CONTEMPORÂNEOS RELATIVOS À DEPENDÊNCIA EMOCIONAL FEMININA

Atualmente a atitude feminina mais segura tem relação com as mudanças culturais ocorridas na sociedade, pois com estas mudanças as mulheres começaram a ser vistas como sujeitos atuantes. Além de seus lares e do âmbito familiar, ela passou a acreditar em si, que é capaz de ser mais do que esposa e mãe. E isto se dá pelo fato de que com o novo olhar, de maior confiança na capacidade do feminino, a criação das meninas começou a sofrer uma metamorfose.

Florianio (2003, p.29) coloca que apoio dos pais gera independência:

[...] aos filhos que os pais lhe transmitem segurança e confiança na sua capacidade, mostram-lhe que quando se busca se conquista, é o que acontece aquela criança que diante da dificuldade, recebe o olhar de apoio de seus pais, como lhe dizendo, vá...vá...você consegue. Essa pessoa desenvolverá uma autoestima, pois recebeu o apoio, a confiança das pessoas, que foram ou são importantes na sua vida, no seu desenvolvimento, ela não terá dificuldade de ir na busca de seus objetivos, de seus sonhos, pois sabe da sua força, do seu talento, da sua capacidade [...] Essa terá um futuro feliz juntamente com seu parceiro.

Todavia, muitas mulheres ainda enfrentam conflitos internos referentes à independência, pois esta mudança social ainda está acontecendo de forma crescente, então algumas mulheres têm introjetado os valores passados por suas mães, ou mesmo seu modelo de mulher (mãe) ainda é constituído pela mulher “do lar”, dedicada à família e apenas a essa.

Esses modelos ainda são muito presentes, e, com isso, a mulher adulta, já independente financeiramente, fazendo parte de um relacionamento estável, inicia um processo interno conflitivo, em que momento após o casamento devo ter um

filho? Pois suas mães se dedicaram em tempo integral para sua prole, e em que modelo de criação com qualidade de tempo para o filho e não quantidade ela vai se orientar?

Neste momento, muitas mulheres se colocam na condição de quem tem que fazer uma opção: ou sou uma profissional de sucesso e independente ou vou ser mãe e esposa, voltando à condição de dependência, retornando ao modelo “tradicional” de constituições familiares, com essa escolha gerando sentimentos de menos valia, frustração e baixa autoestima.

Dowling afirma que:

As meninas iniciam o jogo da vida um passo adiante dos meninos. São mais habilitadas verbal, perceptual e cognitivamente. Desde o nascimento contam com uma vantagem em termo desenvolvimentista, equivalente a quatro ou seis semanas de vida. Quando entram na primeira série do primeiro grau, as meninas se encontram um ano a frente dos meninos nestes aspectos. [...] A chave do problema reside em quão cedo a menina é encorajada a assumir a iniciativa, a responsabilidade por si mesma, e a resolver sozinha seus problemas, em vez de, para isso, depender de outrem. (ELEONOR MACCOBY apud DOWLING, p. 99)

Com isso, elas passam pela existência com dificuldade de autorrealização, ou até mesmo não conseguem desenvolver seu potencial. Não conseguem assumir seus próprios desejos e projetos de vida, pois não se sentem capazes de levá-los à frente, então se acomodam em relações que trazem estabilidade, muitas vivendo felizes em seus relacionamentos, mas ao mesmo tempo incompletas: vivendo para o outro e não para si. Outras, “sobrevivendo” em um relacionamento fracassado, porém insistindo em mantê-lo. Os motivos da insistência? Podem se configurar em muitos, dependendo da subjetividade de cada caso, como: medo de ficar sozinha, medo de enfrentar seu próprio desejo, dívida moral (pois este homem sempre deu tudo o que ela precisou), autoimagem negativa, entre outros.

Quando se é tomado por sentimentos e atitudes mutuamente opostas, a vontade é anulada, pois se gasta uma energia interna muito grande em torno do conflito e, ao mesmo tempo, não se sai do lugar. Esta energia consumida não é direcionada para algo produtivo.

Dowling (1981, p.26) fala a respeito do “maldito duplo vínculo” que ocorre com algumas mulheres:

[...] se estabelece por não confiar na minha capacidade de vencer no mundo as minhas próprias custas (o novo papel) e igualmente duvidar da minha capacidade de ser bem sucedida no velho papel feminino, o de seduzir um homem com o propósito de fazer dele um bem feitor e protetor. Assolada pela confusão comum a tantas mulheres contemporâneas, sentia-me incapaz de reconhecer o terreno em que pisava.

Então, permanece em torno de algo e, esquecendo-se do próprio eu, em um processo dependência emocional. Dessa forma, o outro se torna o motivo pelo qual a pessoa vive, desenvolve suas atividades e direciona sua energia. Nas mulheres, esse processo tende a ser mais intenso, pois, socialmente a mulher se dedica a família exclusivamente, é visto como algo nobre e altruísta, pois ela abdica de seus desejos e projetos em nome de “algo maior”. Não se quer dizer aqui que a família e os afetos não sejam importantes, pelo contrário, são a base da saúde emocional, mas afeto positivo tem relação também com realização interna e a liberdade, estar focada em si além do outro, tendo como base o equilíbrio de todos os setores que compõe a vida do ser humano.

Fromm coloca que (1967, p.65):

Na verdade, a independência completa é uma das realizações mais difíceis; mesmo que o homem supere sua fixação ao sangue e solo, à mãe e ao clã, apega-se ainda a outras forças que lhe proporcionam segurança e certeza; sua nação, seu grupo social, sua família; ou suas realizações, seu poder, seu dinheiro. Ou torna-se tão narcisista que não se sente estranho no mundo porque *ele* é o mundo, não há nada além e fora de sua pessoa.

Concordo com a ideia de Fromm quando ele fala que não somos seres isolados e sozinhos, nos apegamos às pessoas ao nosso redor, e novos vínculos são formados. Porém, este vínculo não é saudável quando dependemos do outro para sermos felizes, para podermos realizarmos nossos sonhos e desejos, esperamos que o outro nos dê algo que podemos encontrar apenas dentro de nós mesmo.

Deste modo, a dependência emocional nos coloca em uma situação de esperar algo que nunca iremos encontrar fora, pois, se algumas mulheres estão vivenciando esta situação, e esperaram que algo externo lhe dê a sensação de autorrealização e felicidade tão esperada, transferindo esta responsabilidade para seu parceiro, com o decorrer do tempo torna-se uma busca incessante e cheia de

frustrações, simplesmente pelo fato de ela estar procurando no lugar errado, por não acreditar que possa conseguir esta satisfação em viver procurando dentro de si mesma. Ela pode gerar esta emoção através de suas próprias produções, explorando seu potencial juntamente com o parceiro que ela escolher para ser parte da vida e não a vida dela.

Fromm (1967, p.65) ainda fala que:

A independência não é conseguida simplesmente deixando-se de obedecer à mãe, pai, Estado, etc. A independência não é o mesmo que desobediência. Ela só é possível se o homem compreender ativamente o mundo, relacionar-se com ele e tornar-se uno com ele. Não há independência e liberdade a menos que o homem chegue à fase de uma plena atividade e produtividade interior.

Visto que no decorrer deste capítulo decorri sobre formas de dependência emocional femininas e como se estabelecem, pode-se constatar que esta tem uma relação direta com o modo de como internalizam-se os vínculos afetivos iniciais, e com a inconsciência destas primeiras relações vinculares, que são reproduzidas em todas as relações posteriores que estabelecemos. Contudo, se nos percebemos e buscamos internamente o que nos falta, conseguimos viver independentemente e com amor. Amor pelas pessoas que nos rodeiam, pelas atividades que desenvolvemos, pelo que produzimos, conseguimos estabelecer trocas de dar e receber e, por fim, encontramos-nos imensuravelmente mais próximos da autorrealização e felicidade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O problema de pesquisa aqui desenvolvido tem como objetivo oferecer possíveis respostas à questão da crise da mulher na atualidade, pois hoje a mulher pode ser dar o direito de fazer escolhas e refletir sobre qual (is) o (s) desejo (s) para sua vida, enquanto que, no passado, as escolhas eram muito mais restritas ao marido com quem ela se casaria. A mulher contemporânea cresce pensando em seu projeto de vida profissional, tentando conciliá-lo com a sua vida amorosa e a constituição de uma família.

No desenvolvimento deste texto procuramos fazer um resgate histórico referente à construção da liberdade feminina, que trouxe como consequência a autonomia que a mulher pode vivenciar nos dias atuais. Sendo assim, podemos visualizar melhor a forma de como se desenvolveu esta liberdade e, junto com ela, conflitos, reflexões e questionamentos.

Ao estabelecer um paralelo entre a maneira como as mulheres foram criadas e suas autossuperações, pode-se ver que hoje é permitido que a mulher reflita. Ao se fazer alusão ao mito de Eva e Lilith, percebe-se que um dos conflitos atuais se dá em função dos papéis femininos relacionados com estes mitos, pois as últimas gerações de mulheres no mundo foram criadas por “Evas”, segunda mulher de Adão, mulheres mais submissas e permissivas, e desempenharam um papel de “Lilith” na sociedade, que foi a primeira mulher de Adão, destemida e questionadora.

Mas por que Lilith ficou de fora dos livros de história? Por que nos foi oferecido o modelo de Eva como um modelo de mulher e mãe? Todavia, no desenvolvimento de sua vida, a mulher veio construindo esta nova forma de olhar e de se relacionar com o outro, mesmo sem existir um modelo de mulher que vá a busca de seus sonhos e realizações, ou seja, os obstáculos são ainda maiores quando se precisa construir o próprio modelo.

A construção do novo modelo de viver o feminino e o desapego pelo antigo, muitas vezes, é o maior responsável pela relação conflitante em que a mulher se encontra: entre o desejo de ser protegida e cuidada, e o desejo, a capacidade e a permissão social de ser independente.

Também, se falou sobre como os primeiros vínculos têm relação com nossa busca pelo parceiro amoroso, e este é um dos fatores potencializadores para determinar com que tipo de pessoas nos relacionaremos, independente do desejo consciente, pois, inconscientemente, temos internalizada uma maneira de nos relacionarmos com o mundo, a qual sempre é aprendida com os “cuidadores”. Tendo como pano de fundo os aspectos inconscientes estabelecidos em cada família, os quais podem ser mais um dos fatores que inibem muitas mulheres em se permitirem viver sua autonomia e serem responsáveis pelos seus próprios desejos, não há como pensar esta mulher como um ser alheio ao seu meio. Meio esse, que dita regras e sempre existe um preço a se pagar pelas próprias escolhas: tanto a escolha da autonomia quanto a dependência.

Desta forma, pode-se dizer que a dependência emocional tem relação com os fatores descritos ao longo do texto, se estes foram passados de maneira equivocada, de geração para geração, fazendo com que a mulher fique sem um modelo de independência e precise criar um novo modo de se relacionar com o trabalho, o marido e os filhos. Nesse novo modelo, ela pode construir uma vivência mais comprometida consigo mesma, e permitir que pessoas que amam entrem em sua vida, sem que isso signifique tornar-se dependente ou que perca sua autonomia.

A verdadeira liberdade tem relação com a percepção de si mesma e com a permissão interna de viver seus desejos, construindo uma mulher autêntica e subjetiva, podendo ser diferente de sua mãe, avó, bisavó, e este fator não quer dizer que essas mulheres não sejam admiráveis e lutadoras, de um modo único, todavia, vêem o mundo de maneira diferente e ser diferente não representa perder o afeto da família e, sim, levar o novo para sua vida e as próximas gerações, acompanhando o desenvolvimento cultural e social do país.

Erich Fromm é um autor que muito defendeu o ‘ser autêntico’, aquele ser que consegue sair do estado de ligação com a natureza que tudo nos dá, nos inculcando uma certa passividade, e caminhar em direção à autonomia do pensar, sentir, falar, agir, amar e sonhar.

Portanto, para que exista a libertação do feminino, as mulheres precisam romper com suas crenças e proporcionarem-se mudanças, mesmo que estas, muitas vezes, possam lhe trazer momentos de sofrimento e incertezas. Apenas a partir deste momento, ocorrerá a permissão interna de que pode construir uma nova forma de viver durante a existência, exatamente quando ela se proporcionar quebrar os pactos inconscientes familiares, olhar a vida de outro modo, com os próprios olhos, e o principal dos fatores: assumir este olhar que nem sempre tem o padrão esperado, mas, o que está em jogo são seus próprios desejos, projetos e a felicidade interna, independente de se acatarem os padrões de 'normalidade' estabelecidos pela sociedade.

Acreditamos que o tema abordado neste trabalho de conclusão de curso de Especialização em Psicanálise Clínica pode ser aprofundado posteriormente, através dos vários vértices que podem ser abordados dentro do tema proposto. Contudo, neste momento o objetivo maior era contribuir com alguns questionamentos muito particulares às mulheres que passam por este conflito típico da mulher contemporânea, para que, a partir destes questionamentos, elas possam se permitir voltar o olhar para si mesmas e refletir sobre como estão suas escolhas na existência.

BIBLIOGRAFIA

ANTON, Iara I. Camaratta. **A Escolha do cônjuge: um entendimento sistêmico e psicodinâmico**. São Paulo: Artes Médicas, 2000.

_____. **Homem e Mulher: seus vínculos secretos**. São Paulo: Artes Médicas, 2002.

DOWLING, Colette. **Complexo de Cinderela**. Tradução: Amarylis Eugênia. São Paulo: Círculo do Livro, 1981.

_____. **Complexo de Perfeição**. Tradução: Claudia Gerpe Duarte. 3º ed. Rio de Janeiro: Record, 1988.

EISENDRATH, Young Polly. **A Mulher e o Desejo**. Tradução: Léa Viveiro de Castro. Rio de Janeiro: Rocco Ltda, 2001.

FLORIANO, Beatriz Machado. **Casamento - Felicidade ou sofrimento: de quem é culpa**. Santa Maria: ITPOH, 2003.

FOUCAULT, Michael. **História da sexualidade 2: o uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Graal. 1984

FROMM, Erich. **O Espírito de Liberdade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1967

FRONER, Carla C. M.; PEREIRA, Salézio Plácido (Orgs). **As interfaces da Clínica Psicanalítica**. Santa Maria: ITPOH, 2009.

MANSUR, L. H. B. **Sem filhos: a mulher singular no plural**. Rio de Janeiro: Casa do Psicólogo, 2003.

PEREIRA, Salézio. P. **A natureza inconsciente das imagens**. Santa Maria: ITPOH, 2007.

PERROT, M; DUBY, G. **História das Mulheres: O século XX**. Françoise Thebaud (direção). São Paulo: Ebradil, 1991.

SOUSA, Luiz Gonzaga de. Memória de Economia (Ensaio: a realidade brasileira), edição eletrônica, 2004, texto completo em www.eumed.net/cursecon/libreria/.

STUDARTM, Heloneida. **Mulher de cama e mesa**. Rio de Janeiro: Vozes, 1986.